

# EÇA, UM ESPELHO QUE NÃO NOS SAI DA FRENTE

Mário Soares

Comecei a ler Eça de Queiroz nos meus últimos tempos de liceu, teria talvez dezasseis anos. Foi a revelação de *O Crime do Padre Amaro* com o picante de um certo inocente erotismo e o anátema flagelador de um catolicismo hipócrita, de pura fachada, numa Leiria pacata e parada no tempo, que ia da Sé à Casa da São-Joaneira. Fiquei fiel. Diria mesmo devoto.

Seguiu-se *O Primo Basílio*, *A Relíquia*, e essa obra prima da nossa literatura, insubstituível, *Os Maias*, minha paixão e meu modelo de romance. Ainda hoje os releio, umas páginas aqui, outras acolá, todos os anos, com um prazer inextinguível. Como os outros livros e textos de Eça, correspondência incluída.

Para mim, Eça é “divino”, como dizia do Eça ou do Fradique Mendes, seus quase heterônimos. Não existe, até hoje, maior nem melhor. É uma referência incontornável, uma inevitável recorrência, um espelho que não nos sai da frente, com reflexos caricaturais, é certo, do que fomos, do que ainda somos, quase um século após sua morte. Estilo insuperável, graça, o traço justo, a revelação do ridículo, ironia finíssima e mordaz, mas também a simpatia humana, a genuína admiração e humildade, como nesse texto inesquecível, tão extraordinário de evocação, dedicado a Antero de Quental, seu amigo de sempre, incluído nas *Notas Contemporâneas*, quando escreve nas linhas finais: “por mim penso, e com gratidão, que em Antero de Quental, me foi dado conhecer, neste mundo de pecado e de escuridade, alguém, filho querido de Deus, que muito sofreu porque muito pensou, que muito amou porque muito compreendeu, e que, simples entre os simples, pondo a sua vasta alma em curtos versos – era um Gênio e era um Santo.”

Eça de Queiroz é um mestre contemporâneo. Não perdeu, neste mundo em transformação, nenhuma actualidade. As personagens que criou, convivem conosco, ainda hoje interpelam-nos, comovem-nos, incomodam-nos quando nos cruzamos com elas, porque continuam vivas, ajudam-nos a

encontrar o tom justo, a evitar certas fraquezas e ridículos.. Não há palavras para lhe agradecer o que foi e continua sendo para os seus leitores, entre os quais, modestamente, me conto, com uma curiosidade e uma admiração intactas e sempre renovadas.

12 de novembro de 1995